

# Em busca de novas fontes

## GDF investe na pesquisa de outros mananciais para garantir abastecimento

Marquinhos

Brasília chega aos 40 anos com uma grande preocupação. A água que jorra em abundância nas ruas, residências e empresas, pode se esgotar em sete anos se o brasileiro não aprender a preservá-la. E o quadro pode ficar ainda pior se o Distrito Federal tiver o desenvolvimento esperado pelo governo, com a instalação de novas indústrias e geração de emprego. Com isso, o tempo de fartura ficará ainda menor, caindo para apenas mais três anos.

Não dá para imaginar a capital do País passando por uma situação de escassez de água como Recife (PE), onde a população fica dias a seco. Lá, quem pode, paga pela água. “Não queremos nem pensar nessa hipótese, por isso já começamos a buscar uma nova fonte que garanta o abastecimento do DF e Entorno pelos próximos 90 anos”, diz o presidente da Companhia de Saneamento do DF (Caesb), Fernando Leite.

A nova fonte é Corumbá IV, a 22 quilômetros de Brasília, onde será construída uma usina hidrelétrica, que, além de gerar energia, abastecerá de água a região. Enquanto o DF produz 12 metros cúbicos de água por segundo, a usina de Corumbá produzirá, em 2002 — quan-

do deve ficar pronta —, 120 metros cúbicos, garantindo o recurso natural no DF para as próximas gerações.

A busca fora do DF por novos mananciais acontece porque por aqui não há mais nada a explorar. O abastecimento é garantido pelos reservatórios do Rio Descoberto (65%), de Santa Maria e do Torto, que juntos somam 80% da produção. Os 20% restantes são supridos por pequenas fontes.

A preocupação maior, agora, é com a preservação desses mananciais e com a conscientização da população, que não mede o consumo da água. A idéia é intensificar as campanhas feitas nas escolas, empresas e com donas de casa pela redução do consumo de água. A campanha, aliás, é mundial. Muito se tem falado, nos últimos tempos, da questão da água, um recurso natural finito. Agora, ela começa a se escassear em alguns locais e políticas de preservação e conscientização vêm à tona.

O maior trabalho em Brasília está em preservar o Rio Descoberto. A cidade goiana de Águas Lindas foi criada bem próxima à reserva e, segundo José Torsani, diretor do Departamento de Recursos Hídricos da Secretaria do Meio Ambiente



Encontrar alternativas de abastecimento não é suficiente. A população precisa ser educada para economizar este bem finito

(Sematec), existe até uma invasão bem próxima à área de segurança. Para tratar especificamente desta questão, a Secretaria Nacional de Recursos Hídricos formou o

Comitê da Bacia, que conta com a participação dos moradores, administradores, associações de comerciantes e produtores.

“A quantidade de água em

Brasília é a mesma desde a época da construção, só que a população é três ou quatro vezes maior do que a prevista para esta época”, diz Torgani. Para ele, Brasília chega aos 40

anos se cuidando como uma mulher formosa e que tem que continuar para não morrer.

**NELZA CRISTINA**

Repórter do JORNAL DE BRASÍLIA

## Projeto em estudo prevê reutilização

O brasileiro não economiza na hora de utilizar a água. Enquanto a Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda o uso de 250 litros per capita, em Brasília há lugares, como o Lago Sul, onde o consumo chega a 800 litros per capita.

Esse, no entender de José Torsani, é um dos maiores problemas, pois reflete a falta de conscientização da população. Em lugares como Sobradinho e Planaltina, no entanto, não há

desperdício, com o consumo ficando entre 150 a 180 litros/dia por pessoa.

“Tem gente que gasta de 100 a 150 litros de água em um banho”, afirma Torgani. Segundo ele, o desperdício é maior em coisas corriqueiras como, por exemplo, na irrigação de jardins, na lavagem de veículo, no banho e na escovação de dentes. As pessoas abrem a torneira ou o chuveiro e esquecem da vida.

Para resolver problemas

como esse, ele diz que estão sendo pensadas soluções como torneiras que fecham sozinhas depois de um tempo jorrando água ou que vão diminuindo o fluxo aos poucos. Além disso, surgem propostas de reutilização da água, o que pode ser feito em condomínios. Neste caso, a água seria reutilizada, por exemplo, nas descargas, que também consomem muito. Outra sugestão é o uso da água bruta (que não precisa de tratamento) na irrigação.

A Sematec, há um ano, começou a aplicar a Lei das Águas do DF (nº 512/93), que existia há seis anos, mas não tinha regulamentação. Assim, a secretaria agora tem a outorga da água, que significa gerir o sistema de recursos hídricos do DF. “É preciso entender o que temos e como utilizá-lo”, explica Torsani, cujo departamento autoriza ou não o uso da água em lugares como a Bacia do Rio Preto, onde há irrigação. (N.C)